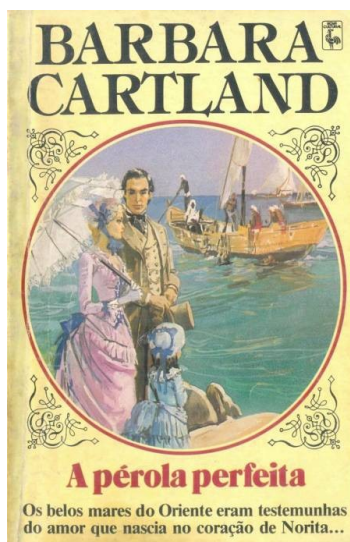


A Pérola Perfeita

Barbara Cartland



Os belos mares do Oriente eram testemunhas do amor que nascia no coração de Norita...

O majestoso iate do marquês de Hawkhurst navegava em direção ao Oriente Médio, levando a bordo os homens mais ricos e as mulheres mais belas da Inglaterra. Tudo era festa, risos e alegrias. Até o momento em que um grupo de ferozes piratas seqüestrou a pequena filha do marquês e sua governanta, Norita. As duas foram deixadas à míngua numa praia deserta. Desesperada, Norita procurava proteger a criança e pedia também que Deus ajudasse o jovem marquês a salvá-las da morte certa e cruel!

Coleção Barbara Cartland nº 202

Título original: The Perfect Pearl

Copyright: © Barbara Cartland 1987

Tradução: Carolina de Hollanda

Copyright para a língua portuguesa: 1988

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3. andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Tipolino Artes Gráficas Ltda. e impressa na Artes Gráficas Guarú S.A.

NOTA DA AUTORA

A pérola é a mais antiga e universal das jóias. Na Bíblia, no Talmude e no Alcorão elas significam riqueza.

Em 3.500 a.C, a sociedade civilizada do Oriente Médio e da Ásia considerava as pérolas como a mais valiosa de todas as propriedades. Para eles, a pérola era o símbolo da pureza, da castidade e da inocência.

Mais tarde, através do centro comercial e financeiro de Bombaim, esta jóia chegou às coleções reais do Império Britânico, vindas da Índia, da Pérsia e do Egito.

No apogeu do Império Romano, o historiador Setonius narrou que o general romano Vitelius pagou uma campanha inteira com a venda de apenas um par de brincos de sua mãe.

Um século a.C, Plínio, o Velho, escreveu em sua *Historia Naturalis*:

"... a mercadoria mais rica e mais cobiçada no mundo todo são as pérolas".

Eu visitei o Iran quando o Sha ocupava o trono e vi a fantástica coleção de jóias, guardadas com toda a segurança muitos metros abaixo do solo.

Havia imensos receptáculos de safiras, esmeraldas e diamantes, e malas especiais para as pérolas no valor de milhões de libras esterlinas.

Entre 1920 e 1930, contudo, tudo mudou devido ao aparecimento das pérolas cultivadas pelos japoneses.

Por muitos séculos os japoneses tentaram produzir mais e melhores pérolas.

Os chineses foram os primeiros a ter sucesso com suas pérolas Budas, mas foram três japoneses que descobriram o segredo da cultura da pérola, que tornou o negócio possível.

CAPÍTULO I

Norita desceu do trem em Paddington. Com dificuldade, conseguiu achar a saída da estação.

Nunca estivera em Londres antes.

Imaginara que a cidade seria trepidante e maravilhosa, mas a maciça multidão que andava de um lado para o outro na estação era assustadora.

Como esperara, viu uma fila de carruagens de aluguel.

Dirigindo-se à primeira da fila, perguntou timidamente se era possível conduzi-la a Hawk House, em Park Lane.

— Suba senhorita — o cocheiro falou bem-humorado. — Eu a levo lá num instante.

O cocheiro desceu de seu assento para abrir-lhe a porta.

— Feche bem as janelas, para ficar quente. Não temos tapetes mágicos por aqui — ele disse.

Ele riu da própria piada e subiu na boléia. Gritou para o cavalo cansado, para fazê-lo trotar.

Através da janela, Norita contemplou as casas pequenas que circundavam Paddington. Ela as achou muito estragadas e com necessidade de uma boa pintura.

Então atingiram o Hyde Park e ela avistou as belas árvores e as grandes e luxuosas residências de Park Lane.

Extasiada, fitou-as com os olhos muito abertos.

Era assim que havia imaginado Londres. Não estava desapontada. Em Hawk House sabia que encontraria a pessoa que procurava.

A entrada era imponente, com um longo caminho que se iniciava na rua e ia até a porta principal, onde formava uma ampla curva que descia até o portão.

O pórtico era imenso e sustentado por colunas de pedra.

Assim que a carruagem foi embora, um mordomo apareceu para abrir a porta.

— Por favor, é esta a casa do marquês de Hawkhurst? — Norita perguntou.

— Sim, madame.

— Estou aqui para ver miss Marsh.

— Ela a espera, madame? — o mordomo inquiriu.

— Creio que sim, pois lhe escrevi há uns dois dias e ela já deve ter recebido a carta.

Parados no hall havia mais dois mordomos que a escutavam, e Norita sentiu uma ponta de medo de ser mandada embora. Porém, um deles, que parecia ser o mais velho, disse:

— Encontrará miss Marsh na sala de aula. Realmente ela disse a Sr. Bates que estava aguardando alguém.

Norita suspirou aliviada. Em seguida, seguiu o mordomo, que usava um elegante uniforme, por uma deslumbrante escadaria.

O nervosismo a impedia de olhar ao redor, mas tinha consciência de que as paredes eram recobertas por retratos em molduras de ouro.

O revestimento da lareira era todo de mármore e um excelente exemplo de cinzeladura do século XVIII.

Como gostaria de falar a seu pai sobre o que via!

Ao atingirem o topo da escadaria, o mordomo virou à esquerda e, alguns segundos mais tarde, subiram outra escada, cujas paredes laterais eram revestidas por aquarelas.

Ainda havia mais uma escada e finalmente chegaram ao último andar. Ali, o teto era mais baixo, mas o sol invernal que se insinuava através das janelas parecia dar um tom dourado ao ambiente.

O mordomo abriu uma porta, que era pintada e não de mogno como as outras. Ali, havia menos imponência.

— Uma visita para vê-la, miss Marsh — ele anunciou. Com uma exclamação de deleite, Norita correu para uma mulher de meia idade que se erguia de uma cadeira ao lado da lareira.

A mulher estendeu-lhe as mãos, mas Norita jogou-se nos seus braços e a beijou.

— Oh, Marsh! Como estou contente por vê-la. Estava com tanto medo de não encontrá-la.

— Fiquei muito feliz com sua carta, mas... você não veio para Londres sozinha, veio? — miss Marsh indagou.

— Não havia ninguém para vir comigo, e eu não sou mais uma criança. Consegui chegar até você sem nenhum problema.

— Oh! Mas você não deveria nunca ter vindo desacompanhada — miss Marsh replicou, numa voz que se mostrava chocada com a idéia — Bem, mas você está aqui e isto é o que importa. Tire seu casaco, querida, o almoço será servido logo.

Norita fez o que ela sugeriu e despiu o casaco, quente, mas muito fora de moda. Colocou-o sobre uma cadeira, juntando a ele também o chapéu simples de feltro.

Ela parecia muito esbelta e jovem ao se dirigir à lareira.

— O trem estava superlotado, mas viajei de primeira classe, pois, já que estava desacompanhada, achei a melhor coisa a fazer.

— Claro!

— Mas foi muito caro e, a menos que você possa me ajudar, não terei dinheiro para o bilhete da volta — Norita se queixou.

Miss Marsh olhou-a, atônita.

— Que é que você quer dizer com isto? Que significa? Norita permaneceu silenciosa por um momento e depois, com os olhos fixos no fogo, respondeu:

— Papai morreu... Há uma semana.

— Morreu?! Mas não vi a nota nos jornais...

— Não tive dinheiro para pagar uma nota no The Morning Post.

— Mas... como isto aconteceu? Não compreendo.

— Tudo por causa de um cavalo novo que papai comprou. Ele era selvagem e perigoso, mas papai pensou que pudesse domá-lo — ela soluçou e prosseguiu: — O cavalo jogou papai por terra e pisoteou-o.

— Oh. Minha querida! Sinto muito — exclamou miss Marsh.

— Suponho — Norita falou numa voz cheia de emoção — que foi melhor assim. Os médicos disseram que, se papai vivesse, ficaria paralisado.

Enquanto falava, ela tirou um lenço da bolsa e enxugou os olhos.

Depois, sentou-se sobre um tapete à frente da lareira, dizendo:

— Foi tudo tão horrível, Marsh, como um pesadelo pavoroso. Agora que papai morreu, não há mais dinheiro.

— O que você quer dizer? Sempre soube que seu pai e sua mãe não eram ricos, mas...

— Depois que mamãe morreu acho que papai e eu fomos um pouco extravagantes, e os cavalos não foram tão bom negócio como deveriam ser.

Ela olhou para miss Marsh e havia uma súplica em seus olhos, quando pediu:

— Sei que preciso trabalhar para viver e é por isto que procurei por você.

— Um trabalho? — Marsh repetiu. — Mas como é que você pode trabalhar?

Norita deu uma risadinha abafada.

— Tenho que escolher entre trabalhar ou morrer de fome e, francamente, não quero morrer de fome.

— Não acredito no que está dizendo! — exclamou miss Marsh.

— É verdade — insistiu Norita. — E como os Cosnet estão muito velhos para procurar outro emprego, seria mais fácil deixá-los ficar na casa e dar-lhes uma pequena pensão.

Como miss Marsh não retrucasse, Norita continuou:

— Pensei em tudo cuidadosamente, bem como você me ensinou a fazer Marsh. Os Cosnet garantem que podem viver com o que plantam no quintal.

Norita olhou para o fogo, como se visse as contas a pagar entre as chamas.

— Se eu pudesse ganhar o suficiente para conservá-los e não precisasse pagar pelo alimento, teria sempre uma casa para onde voltar se, por incompetência, me despedirem do emprego.

Norita riu, como se tivesse dito algo engraçado, mas miss Marsh estava séria.

— Você tem somente dezoito anos. O que seria possível fazer para ganhar dinheiro?

— Mas não tenho escolha. Não há outra maneira, a não ser que envie os Cosnet para um asilo, o que lhes partiria o coração. Também poderia vender a casa, mas acho que isto seria difícil.

Miss Marsh sabia que aquilo era verdade. A casa de Norita — “The Manor” — ficava nos confins da vila de Berk Hampstead, na parte menos valiosa de Hertfordshire e era difícil imaginar que alguém estivesse disposto a dar um bom preço pela propriedade.

A última vez que miss Marsh vira a casa, ela se encontrava num estado deplorável.

As janelas em losango poderiam ser elisabetanas, os tijolos externos terem adquirido, com o tempo, um belo tom róseo, mas o telhado necessitava urgente de reparos.

Ela recordou a mãe de Norita, lady Wyncombe, dizendo:

— Tivemos que fechar o andar de cima totalmente. Quem quer que durma lá, leva um banho cada vez que chove.

E lady Wyncombe rira, como se aquilo não tivesse conseqüências graves. Miss Marsh se surpreendera com o fato de alguém conseguir conservar o bom humor diante das dificuldades da vida. E ser feliz em circunstâncias desfavoráveis.

Lorde e lady Wyncombe haviam se casado apaixonadíssimos. E aquela união recebera a desaprovação de ambas as famílias. Contudo, aquilo não os preocupava de forma alguma.

O casal era extremamente feliz vivendo no campo, cuidando dos cavalos que lorde Wyncombe domava e vendia com lucro razoável.

Eles adoravam sua única filha, Norita, cuja beleza parecia à expressão de seu amor.

Miss Marsh, graças a uma pequena pensão, aposentara-se cedo da sua carreira de professora. Alugou uma pequena cottage na vila onde seu pai fora mestre-escola e sentiu-se bem instalada.

Quando lady Wyncombe implorou que ela desse aulas a Norita, miss Marsh concordou e acabou achando a ocupação interessante e prazerosa. Não a incomodava o fato de receber uma remuneração muito pequena pelo trabalho.

Fora uma alegria ir para uma casa que parecia sempre plena de luz e calor. E estar entre pessoas que eram tão felizes que faziam tudo ao seu redor participar da sua exaltação de viver.

Miss Marsh, que era uma mulher muito inteligente, dera a Norita muitas lições, que, por sua vez, também estudava com o mestre-escola e com o pastor da igreja local.

Ninguém conseguia resistir lady Wyncombe quando ela pedia alguma coisa, por isso os três instrutores de Norita adoravam sua tarefa.

Miss Marsh gostou muito de Norita.

Nunca lhe passara pela cabeça que um dia veria aquela menina tendo que trabalhar para se sustentar.

Miss Marsh deixara a vila há um ano, quando a marquesa de Hawkhurst, cujas filhas ela havia ensinado, implorara-lhe que cuidasse de sua netinha, nem que fosse por algum tempo.

Após anos de confortável aposentadoria, miss Marsh não desejava voltar à atividade, mas a marquesa havia sido sempre tão bondosa e insistiu tanto que afinal ela cedera.

"Só você, miss Marsh, poderá ajudar esta criança", a marquesa escrevera.

Também lhe foi oferecido um magnífico salário, impossível de recusar.

Mas, presentemente, tivera que informar o secretário do marquês, Mr. Seymour, que teria de partir tão logo ele obtivesse alguém para colocar no seu lugar.

— Minha irmã mais velha perdeu o marido e está doente, sem ter quem olhe por ela — ela explicou. — E, por isto, Mr. Seymour, embora eu odeie deixar a pequena Alyce, tenho que cumprir meu dever de irmã.

— Tem razão, miss Marsh — Mr. Seymour respondeu, com frieza. — Contudo, sei que Alyce sentirá muito a sua falta e será muito estafante para todos nós tentar encontrar alguém para substituí-la.

Miss Marsh fizera um pequeno gesto com as mãos, indicando pesar, porém não havia nada que pudesse fazer. Disse apenas:

— Por favor, Mr. Seymour encontre alguém o mais depressa possível, porque minha irmã realmente precisa de mim.

Por pura sorte ela ainda estava lá quando Norita a procurou.

— Sei que você seria capaz de dizer o que devo fazer — Norita dizia. — E ninguém melhor do que você conhece as minhas qualificações, se é que tenho alguma.

— Claro que possui muitas, mas creio que nenhuma delas a capacita para ganhar dinheiro — miss Marsh arrazoou.

Norita riu.

— Se isto é verdade, então tudo que posso dizer é que você, o mestre-escola e o pastor deviam se envergonhar. Vocês costumavam dar relatórios magníficos a papai e mamãe sobre meus progressos.

Miss Marsh não respondeu e Norita prosseguiu:

— Papai sempre dizia que eu era excelente amazona, mas não acredito que possa domar cavalos como ele fazia.

— Claro que não — gritou miss Marsh, escandalizada. — Você é muito frágil, e, além disto, não é uma ocupação digna de uma mulher.

— É, foi o que pensei. Mas, na viagem de trem, refleti sobre o assunto e vi que só me sobram duas opções.

— E quais são?

— Posso cuidar de crianças ou tornar-me dama de companhia...

Uma luz diferente brilhou nos olhos de miss Marsh.

— Que foi? Em que está pensando? — interrogou Norita.

— Acabou de me ocorrer uma idéia. Talvez esteja cometendo um engano, mas... você poderia ficar no meu lugar, cuidando da pequena Alyce.

— Ficar no seu lugar? Mas por quê?

— Estou de partida. Preciso cuidar de minha irmã, que está doente. Você lembra como eu costumava falar de Ethel para você?

— Sim, claro que lembro, e sinto muito que ela esteja doente.

— Informei Mr. Seymour que estou indo embora e que ele deve encontrar alguém para me substituir o mais rápido possível.

— Quem é Mr. Seymour?

— É o secretário do lorde, e administra esta casa e também a outra propriedade de Oxfordshire, Hawk Hall.

— Ah! Você me escreveu sobre Hawk Hall e disse que é maravilhosa. Já li a respeito de seus cisnes e da fonte que jorra no jardim. Você acha mesmo que eu poderia cuidar desta criança e viver em Hawk Hall?

— Você é jovem demais. Acho que não será possível — miss Marsh falou, porém não foi muito positiva.

— Oh! Por favor, Marsh, não diga isto. Afinal, você sempre disse que eu era muito inteligente para a minha idade. Tenho certeza de que poderia ensinar sua pupila tão bem quanto você me ensinou.

— Hum... Não é bem isto.

— Então... o que é?

— Não acho certo você ficar sozinha, na sua idade, sem ninguém para protegê-la.

— E por que necessitaria de proteção em Hawk Hall?

Miss Marsh não respondeu diretamente, mas murmurou para si própria:

— Afinal de contas, não há razão para ela entrar em contato com quem quer que seja fora destas dependências. Eu nunca precisei!

Norita olhou-a, espantada. Para se concentrar melhor, miss Marsh levou a mão à testa num gesto familiar, e fechou os olhos.

Com os olhos da mente, Marsh via diante de si o belo, dissoluto e cínico marquês de Hawkhurst.

Ele possuía um charme avassalador quando queria.

Como os criados costumavam dizer, ele magnetizava qualquer mulher que o olhasse.

Sua reputação como desportista recebia a admiração de todos os criados que trabalhavam na mansão e em todas as demais propriedades.

Quanto às empregadas, viviam murmurando comentários sobre seus casos amorosos e elogiando sua aparência irresistível.

— As mulheres volteiam em torno dele como abelhas em volta da colméia — elas diziam.

— Vocês não devem comentar os namoros do senhor lorde — miss Marsh advertia.

— Ora, você sabe muito bem que não temos do que falar, a não ser de lorde Hawkhurst.

Fora através da zeladora da mansão que miss Marsh ficara sabendo que o lorde já descartara sua última conquista, uma beldade da alta sociedade.

Sua mais recente conquista era lady Bettine Daviot, filha de um duque.

O retrato da jovem lady aparecera no *The Lady Magazine* e em muitas outras revistas conhecidas.

— Ela é louca por ele — dissera a zeladora. — Mas ouvi dizer que estão apostando que este romance não dura dois meses.

— Não compreendo por que as pessoas falam tanto da vida dos outros — miss Marsh retrucou desdenhosa.

— Se quer saber minha opinião, acho que muitos homens têm inveja do senhor lorde pelo seu sucesso. Ele vence nas corridas, conquista as mais sedutoras mulheres e, quanto à beleza, ninguém pode concorrer com ele.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

